

As matrizes culturais nas interações comunicacionais de uma organização de separadores de resíduos sólidos

Jane Mazzarino

Doutora em Ciências da Comunicação

janemazzarino@gmail.com

UNIVATES, RS

Resumo

Este artigo trata das dinâmicas comunicacionais nas interações sociais do Centro de Educação Ambiental Vila Pinto (CEA), de Porto Alegre. Vamos analisar o caso desta organização social formada por mulheres de grupos populares envolvidas com a separação de resíduos sólidos da coleta seletiva, e suas estratégias e táticas de sociabilidade a partir da observação da relação social entre os associados da organização social, os quais ocupam diferentes funções e, cada um, tem suas próprias expectativas. Situamos o CEA como uma organização integrada no campo dos movimentos sociais. Tomamos como base teórico-metodológica a teoria dos campos sociais, os estudos culturais latino-americanos e a sociossemiótica. O objetivo deste artigo é compreender como as matrizes comunicacional e subjetivas são movimentadas na construção das sociabilidades internas de uma organização do movimento socioambiental.

Palavras-chave: comunicação, sociabilidade, movimentos sociais.

Os movimentos sociais no contexto da sociedade civil global¹

A prática dos movimentos sociais, inserida no processo de democratização e constituição da sociedade civil global, possibilitam a observação de que estão em construção novas formas de organização social, de negociação, assim como novos significados para o mundo. Uma destas mudanças históricas se dá quando os atores e os movimentos sociais atuais passam a se definir pela sua relação como sujeito, e não mais somente pela relação com a sociedade. É o que Touraine (Touraine, 1996) chama de subjetivação dos movimentos sociais, e que vem a constituir-se como a principal diferença em relação aos movimentos sociais do início do século XX². Diferentes, os movimentos atuais apelam também para a "política da vida", como aborda Giddens (Giddens, 1991 e 2002), a fim de aumentar a capacidade de ação e de livre escolha. Mais que transformar a sociedade, os movimentos sociais atuais querem transformar a vida.

¹ Penso que é importante situar este texto como parte de uma complexa rede comunicacional-midiática analisada na tese *A cidadania na tecelagem das interações comunicacionais-midiáticas do movimento socioambiental: um estudo de caso do Centro de Educação Ambiental da Vila Pinto em Porto Alegre*¹. No seu todo, a tese faz um mapeamento analítico da trajetória histórico-midiática do movimento socioambiental. A pesquisa está organizada em quatro níveis de análise principais: a) as interações comunicacionais internas do CEA; b) as interações comunicacionais entre o CEA e as comunidades local e regional; c) as interações comunicacionais com os campos: dos movimentos sociais, institucional governamental e midiático; e d) as interações midiáticas, relacionando-as às interações comunicacionais.

² Caso do movimento operário, que na sua luta pela gestão social da industrialização, formou a idéia de movimento social ao mesmo tempo modernista e particularista, defensivo, que apelava para a política da libertação a fim de superar obstáculos e contradições.

A defesa do sujeito remete à concepção de liberdade humana e traz à tona temas morais e sociais. Para Touraine (Touraine, 1996), o sujeito se constitui pela combinação da ação instrumental com a afirmação identitária, as quais operam contra poderes financeiros e autoritarismos comunitários. Na sociedade atual, o lugar de luta se dá no próprio sujeito, segundo o autor. Por isso mesmo, este combate não pode mais ser posto em ação pelos partidos e pelos governos, mas sim na experiência pessoal. O centro do movimento social atual passa a ser a produção do sujeito. Sujeito, este, de uma vida pública cada vez menos formal, de ações descontínuas e difusas, e que tende a dar aos meios de comunicação uma importância crescente.³

Trata-se, portanto, de contextualizar os movimentos sociais na sociedade civil global, movimentada pelas tecnologias de comunicação, as quais podem ser utilizadas tanto como instrumento estratégico para políticas globalizantes homogeneizadoras, quanto para criação de contra-hegemonias. As novas tecnologias de comunicação podem servir à democracia, desde que representem a diversidade cultural dos agentes sociais. Para Touraine (Touraine, 1992, p. 388), a democracia está relacionada com integração e cidadania, o que pressupõe a existência de liberdade das opções políticas, com o respeito pelas identidades, pelas necessidades e pelos direitos. A democracia é um regime político que permite aos agentes sociais formarem-se e agirem livremente, tendo consciência dos direitos pessoais e coletivos; reconhecendo a pluralidade dos interesses e das idéias; e assumindo a responsabilidade na construção de orientações culturais comuns.

No entanto, na "*sociedade planetária*", observamos que as interações entre Norte e Sul são marcadas pela desigualdade, a qual, para Melucci, refere-se menos à privação econômica e mais ao acesso diferenciado dos recursos de informação, de conhecimento, e de autonomia pessoal. Para este autor, uma nova teoria da desigualdade deveria identificar os critérios estruturais da distribuição dos recursos de informação, mas, principalmente, as lógicas que controlam de modo desigual a produção. Portanto, a questão da informação é considerada por Melucci como "*passagem necessária para a análise da desigualdade em escala planetária*" (Melucci, 1996, p. 37 e 38).⁴ Pensar em democracia é pensar na distribuição de poder e recursos nas relações sociais, e, portanto, entendemos que não deve ser pensada apenas em escala planetária, mas também na escala micro, interna às organizações sociais. O poder combina formas simbólicas e materiais. Melucci pensa o poder como uma modalidade de relações, como uma forma de relacionamento que estabelece e controla o sentido do agir humano. Relações sociais são relações de poder, fundadas em regularidades, condições e processos que assim como estruturam as relações, indicam ao pesquisador as formas de poder inerente a estas mesmas relações sociais.

A organização dos separadores em Porto Alegre

A partir dos últimos 50 anos, começam a surgir, por todo o Brasil homens e mulheres que buscam na venda do lixo a sua sobrevivência. Desde meados da década de 80, os catadores e separadores de resíduos sólidos

³ É por isso que, como Scherer-Warren afirma, "*na sociedade da informação, os movimentos sociais terão de ser críticos em relação à própria produção da informação*". A autora considera que este seja um dos desafios para as redes de movimentos no mundo globalizado, informatizado e multicultural. Ou seja, um desafio para redes que extrapolam os espaços geográficos e socioculturais de proximidade. Scherer-Warren, Ilse. Redes e sociedade civil global. Artigo escrito no NPMS/UFSC, p. 18. Mimeo.

⁴ Melucci concorda com Touraine ao afirmar que os movimentos sociais contemporâneos demonstram um crescimento da atenção em direção à temática do indivíduo, da subjetividade, da intimidade e das emoções. Há, portanto, um deslocamento de temáticas mais estruturais e macro-sociológicas para temáticas subjetivas e micro-sociológicas. O que se deve especialmente ao novo posicionamento da mulher na sociedade.

têm se articulado gradativamente de Norte a Sul do país, formando redes que, mesmo incipientes, têm divulgado esta alternativa informal e precária de renda para as pessoas excluídas do direito ao trabalho e de acesso às condições primordiais de sobrevivência: moradia, educação, saúde. A profissão dos catadores organiza-se enquanto movimento em meados da década de 80, e o reconhecimento da profissão aconteceu só em 2002, quando a profissão foi reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego na Classificação Brasileira de Ocupações.

Em Porto Alegre, os catadores começaram a recolher resíduos passíveis de reciclagem na década de 70. A organização em forma de galpões de triagem começa no final dos anos 80. Hoje são centenas de pessoas vivendo da separação de lixo em dez galpões espalhados pela cidade. Coube à Igreja Católica o papel de mediador inicial na organização dos papeleiros no RS. E à mulher coube o papel de organizadora desta nova fase do ambientalismo ou socioambientalismo⁵. Cada um dos 10 galpões existentes atualmente tem composição e história diversa, origens culturais e estágios de desenvolvimento diversos. Enquanto alguns são mais empreendedores, outros são mais dependentes do poder público, enquanto um terceiro grupo se caracteriza por usar o poder público, mas também buscar por seus próprios meios para avançar. A formação dos grupos também é distinta. A relação entre as unidades de triagem, e entre elas e o Departamento Municipal de Limpeza Urbana – DMLU - sempre foi marcada por conflitos. São conflitos que nascem da percepção preconceituosa de técnicos do DMLU sobre os separadores (que não eram vistos como cidadãos de direito, mas como problemas), conflitos internos do DMLU relativos às diversas visões sociais que se cruzam dentro deste departamento do poder público municipal; conflitos relativos às disputas políticas do movimento; conflitos entre separadores organizados em galpões e catadores/carrinheiros que trabalham individualmente disputando a mesma matéria-prima; além de conflitos entre separadores e atravessadores.

A organização social do CEA Vila Pinto

A iniciativa de uma líder comunitária⁶, a preocupação com a violência, a questão da mulher marginalizada, a necessidade de trabalho e renda, e a percepção do lixo como matéria-prima resultou na fundação do Centro de Educação Ambiental Vila Pinto (CEA Vila Pinto). A organização e pressão popular fizeram com que a Administração Municipal de Porto Alegre doasse um terreno, e o DMLU construísse o galpão. Os equipamentos foram angariados com parceiros da iniciativa privada e pública, que também auxiliaram na capacitação dos separadores. Em 31 de agosto de 1996 é inaugurado e começa a funcionar o CEA Vila Pinto. A matéria-prima do CEA são os resíduos sólidos oriundos de parte da coleta seletiva de Porto Alegre e do recolhimento com caminhão do próprio CEA, em instituições públicas e privadas.

⁵ A organização dos catadores de lixo no Brasil começa, recorrentemente, a partir da intervenção da Igreja Católica, em suas diversas facções: das Irmãs Oblatas Beneditinas, em Minas Gerais; das Cáritas Brasileira, em São Paulo; dos Irmãos Maristas, em Porto Alegre. No Rio Grande do Sul, em meados da década de 80, o Irmão Marista Antônio Cecchin, e sua irmã, a professora universitária e feminista Matilde Cecchin, engajados no trabalho das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs - começam a pensar na organização dos papeleiros da Ilha Grande dos Marinheiros, onde uma das principais formas de sobrevivência era a catação dos resíduos de Porto Alegre. Quando o Partido dos Trabalhadores ganha a primeira eleição para a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em 1988, o Irmão marista Antônio Cecchin, precursor da idéia no RS e amigo do então prefeito Olívio Dutra, levou a idéia dos galpões de triagem para ser apropriada pelo poder público municipal. Em sete de julho de 1990 começou a coleta seletiva em Porto Alegre, pelo bairro Bonfim.

⁶ A líder do CEA é ex-delegada do Orçamento Participativo no município de Porto Alegre, e Promotora Legal Popular (PLP), formada pela ONG Themis em 1993. O curso de PLP é voltado para o ensinamento de noções básicas de direito a lideranças comunitárias femininas.

A sustentabilidade do CEA e, conseqüentemente, de seus projetos é pensada para se efetivar via parcerias de âmbito municipal, estadual, nacional e internacional. Viabilizar a execução dos projetos via parcerias é papel do Conselho Consultivo. O Conselho Consultivo é constituído por pessoas da comunidade de Porto Alegre, com boas relações entre empresários, instituições de ensino, pessoas da elite, etc... Um auxílio fundamental do CEA Vila Pinto foi a parceria com a GTZ – Sociedade Alemã de Cooperação Técnica – que apóia projetos de geração de renda de forma auto-sustentável. Esta parceria foi fundamental para a fundação e organização do CEA Vila Pinto e sua divulgação internacional. Hoje, o “*negócio*” do CEA Vila Pinto não é só a administração do galpão de triagem. O projeto inclui oficinas que acontecem no Centro Cultural, inaugurado em 2002, seis anos depois do galpão de triagem. Estas oficinas são possibilitadas por parcerias eventuais e contínuas – locais e regionais. Entre elas a parceria com a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre – Ospa – que possibilita a implantação do projeto Ouviravida, que inclui socialmente pela música crianças e adolescentes. Já o Projeto Faça o seu Papel já oportunizou o trabalho na reciclagem de papel para 30 adolescentes. No CEA Vila Pinto são trabalhadas questões de auto-estima e cidadania.

Tudo isso faz com que o CEA Vila Pinto seja uma referência internacional, o que foi determinante para sua escolha como Projeto Mundial pela Expo 2000, em Hannover, na Alemanha, quando o CEA Vila Pinto representou a GTZ durante o evento. Na sua trajetória histórica, a ONG tem obtido o reconhecimento de instituições da sociedade local, regional e nacional, o que se comprova nos prêmios angariados pelo CEA Vila Pinto e pela sua presidente⁷. Outra forma de reconhecimento da sociedade observa-se quando inúmeros projetos de galpões de reciclagem no RS e no país têm o Centro de Educação Ambiental Vila Pinto como referência.

Esta trajetória histórica dos movimentos dos catadores e separadores reflete-se nas interações comunicacionais e sociais internas do CEA. Com suas contradições e conflitos é inegável, de qualquer forma, que é ali no ambiente de trabalho, no cotidiano do galpão de triagem, que se dá o reconhecimento primeiro e essencial que tira estas mulheres da marginalidade social. Este artigo trata da análise empírica destas relações entre comunicação, sociabilidades, subjetividades e identidades construídas nas dinâmicas sócio-culturais em grupos femininos populares. Tomamos como base teórico-metodológica a teoria dos campos sociais, os estudos culturais latino-americanos e a sociossemiótica. O objetivo deste artigo é compreender como as matrizes culturais de natureza comunicacional e subjetiva são movimentadas na construção das sociabilidades internas de uma organização do movimento socioambiental contemporâneo.

A tese central da teoria dos campos sociais é que a sociedade organiza-se em uma diversidade de campos sociais. Cada campo organiza-se internamente a partir da diversidade de organizações sociais que o compõem. Os campos sociais são pensados a partir de sua abertura entre si, o que determina uma relação de interdependência. A fiação de sentidos na sociedade se dá pela interação entre campos sociais diferentes, representantes de uma pluralidade de universos simbólicos. Pluralidade esta que – sendo ao mesmo tempo enriquecedora e conflituosa – gera uma complexidade social, a qual se reflete na diversidade de orientações culturais para as ações que participam da sociedade contemporânea. Esta se constitui um espaço de relatos

⁷ Entre eles: Projetos Inovadores do Mundo, Unibanco Ecologia, Líderes Vencedores (Assembléia Legislativa e Federação das Associações Empresariais do RS – Federasul), Amigo da Cidade, Troféu Mulher Cidadã (Assembléia Legislativa), Prêmio Educação RS 2002 (Sindicato dos Professores do Ensino Privado do RS - Sinpro/RS).

sociais, ofertas simbólicas e materiais, que se misturam e vão fazendo sentido para os cidadãos, emergindo daí novos valores sociais, a partir dos quais surgem os padrões de vida que dão suporte ao funcionamento da sociedade contemporânea.⁸ Estudar o CEA é buscar compreensão sobre estas dinâmicas internas e externas do campo dos movimentos sociais.

Para compreender esta relação entre o sentido e a ação social, inspiramo-nos na abordagem sociossemiótica da teoria dos discursos sociais⁹. Para a sociossemiótica, toda produção de sentido é social, e todo fenômeno social é um processo de produção de sentido, que fundamenta as representações sociais. A análise dos discursos que circulam nos processos de comunicação – mediados e não mediados – abre-nos um caminho para a compreensão da construção dos sentidos sobre a realidade pelos sujeitos sociais e sobre as redes de sociabilidade que vão se criando.¹⁰ A produção de sentido tem uma materialidade, condição essencial para o estudo empírico dos processos comunicacionais. Entendemos como materialidade os textos que surgem das falas dos sujeitos, os quais são fragmentos da semiose social e uma configuração espaço-temporal do sentido. É sobre estes fragmentos de materiais discursivos que nos debruçamos. Fragmentos estes que se presentificam nos depoimentos dos atores sociais, e que autorizam nossas análises.

Na análise das interações sociais e comunicacionais internas da organização social fizemos um mapeamento das matrizes culturais em circulação, partindo dos estudos culturais latino-americanos para pensarmos as relações entre comunicação, cultura, organização popular e movimentos sociais da forma como nos propomos: a partir do viés do socioambientalismo. Martín-Barbero (Martin-Barbero, 1997) propõe investigar os processos culturais a partir das mediações e dos sujeitos, das práticas de comunicação e dos movimentos sociais, onde intervêm as matrizes culturais, que não se referem à evocação do arcaico, mas ao “*residual*”, “*substrato da constituição dos sujeitos*”, “*veios de entrada para outras matrizes dominadas, porém ativas*”. Entendemos as matrizes culturais como marcas incrustadas na experiência social dos sujeitos, que são ativadas nas interações sociais, embaralham-se com as novas experiências e os novos movimentos. São fazeres na vida do sujeito, sejam estes individuais ou coletivos. Estas matrizes culturais atualizam-se no (des) encontro cultural da interação social – comunicacional e/ou mediada – é quando se modificam, desterritorializam-se para reterritorializarem-se. As matrizes culturais se constituem por via das mediações sociais, e, ao mesmo tempo, são elas mesmas mediações para os fazeres sociais e na construção de novas identidades.¹¹ Este artigo trata do cruzamento destes saberes teóricos com os saberes empíricos dos atores da organização dos separadores.

Das contribuições

⁸ Esteves, 1998.

⁹ Verón, 1996.

¹⁰ Verón (Verón, 1996) denomina condições sociais de produção aquelas relativas aos discursos emitidos pelo pólo da produção midiática, enquanto denomina condições sociais de reconhecimento aquelas relativas às apropriações dos receptores sobre os discursos midiáticos. Estas condições referem-se aos efeitos de um discurso. As condições sociais de produção nunca são as mesmas condições do reconhecimento. A distância entre elas é variável, e esta diferenciação funda o conceito de circulação (entre produção e reconhecimento), onde se dá o que Verón denomina “desgaste perpétuo”.

¹¹ Martín-Barbero (Martin-Barbero, 1997, p. 258) propõe um deslocamento do eixo do debate dos meios para as mediações. Ou seja, para o espaço de articulação entre práticas de comunicação e movimentos sociais, onde se cruzam as matrizes culturais. Diante dos processos de transnacionalização, de emergência de novos sujeitos sociais e identidades culturais, a comunicação tornou-se um espaço estratégico para pensar a sociedade contemporânea.

A partir dos discursos dos informantes da pesquisa observamos que uma variedade de matrizes se presentificam nas orientações históricas internas do CEA, muitas vezes mesclando-se, mestiçando-se: gênero, sócio-econômica, ambiental, cidadã comunitária, religiosa, educativa, empresarial, subjetiva, comunicacional e midiática. Interessa-nos aqui, especificamente, abordar a transversalidade entre duas matrizes - comunicacional e subjetiva - na construção das relações sociais internas desta organização socioambiental, por serem estas as matrizes fundamentais nas construções das sociabilidades internas do CEA .

Observamos que os rituais das reuniões do CEA podem ser considerados como momentos de fortalecimento do poder, de legitimação ou "*ideologizantes*", que se dão através dos ensinamentos da líder, os quais se referem a aconselhamentos - comunicam o "*como fazer*" para o sujeito continuar integrado ao grupo. Percebemos também falta de autonomia dos sujeitos do grupo na apropriação dos recursos de informação, e consideramos que, se a autonomia para lidar com a informação não for exercitada democraticamente dentro de uma organização, pode-se dizer que esta não é uma organização efetivamente democrática. Se negar a fala do outro é negar a sua ação comunicacional, não "educar" para o desenvolvimento da fala do outro não deixa de ser uma forma de excluí-lo de participar dos discursos sociais. Trata-se de uma falha na gestão dos recursos informativos internos da organização social em causa. Da mesma forma as separadoras ao não vencerem o medo da fala - ancorado no medo de perder um lugar para trabalhar e uma fonte de renda essencial - não estão apropriando-se do seu espaço de fala o que acaba ampliando o espaço do outro, criando uma relação desigual a partir de si mesmo, do seu próprio agir. A passividade na fala de um gera a atividade excessiva da fala do outro. A observação do medo de falar sobre as insatisfações internas entre as associadas, os ressentimentos, e a falta de participação das reuniões refere-se a uma manifestação da matriz comunicacional e, ao mesmo tempo, da subjetiva.

A matriz subjetiva do CEA se expressa também nos valores institucionais da organização - resgate da cidadania, da auto-estima e da dignidade; crescimento pessoal e profissional; melhor qualidade de vida; transformação da realidade - e se reflete com grande intensidade nas falas das separadoras quando afirmam que as relações sociais no CEA são marcadas pela solidariedade e pela amizade: "*um ajuda o outro*", "*somos todos amigos*". Ou quando se sentem reconhecidos pelo outro, seja o outro seu colega de trabalho, o grupo de separadoras, a comunidade local ou mesmo internacional (caso das premiações). A auto-estima é valorizada quando a coordenadora de setor diz ter paixão pelo seu trabalho, pela sua parte dentro de um coletivo, e quando todos afirmam sentir orgulho pelo CEA representar oportunidades educativas para a comunidade da Vila Pinto, ou então quando compreendem que novos objetivos precisam ser alcançados, como a creche, que vai dar tranqüilidade para as separadoras (as quais poderão estar próximas dos filhos no local de trabalho). O CEA também traz tranqüilidade para quem sentia a violência que imperava no bairro, e hoje vê que o movimento que a organização gerou na região do Grande Mato Sampaio, onde se localiza a Vila Pinto, dificulta as ações de delinqüentes.

A matriz subjetiva é ativada, ainda, quando se percebe no CEA um lugar onde as separadoras encontram apoio familiar, oportunidade de trabalho, um salário e a possibilidade de poder ter uma conta bancária. O CEA também renova as relações sociais quando o "*caqueiro*" afirma que arrumou "*outra família*". É ali que

ele se permitiu sonhar em construir a sua própria família, quando deixou "o mundo lá de fora" (onde se drogava) e sentiu-se aceito socialmente na comunidade do CEA. Foi a partir do trabalho no CEA que muitas separadoras passaram a usar sua voz no âmbito da família para dizer não à violência doméstica, mudar de vida e dizerem-se felizes hoje. Também faz parte da matriz da subjetividade os ressentimentos, os conflitos, as contradições que marcam as relações do CEA, por exemplo, em relação à divisão dos lucros entre os associados. Com as contradições inerentes de uma organização social desta natureza, o CEA recicla vidas de excluídos que sobrevivem separando resíduos dos incluídos.

A matriz subjetiva predomina também quando reconstruímos a trajetória de vida da líder do CEA. Observamos que seu relacionamento com a avó foi determinante para a construção da sua identidade pessoal, que desembocou na construção da identidade coletiva do CEA, a ponto de uma e outra se confundirem. O CEA é denominado popularmente como o galpão de triagem da líder. Já adolescente ela "armava barracos", para conseguir o que queria, característica que permanece no jeito de ser e agir em nome do CEA atualmente. Ela conseguiu ofertar na Vila Pinto outra fonte de renda a partir do trabalho com resíduos sólidos. Hoje o CEA constitui-se uma alternativa de trabalho e renda. A líder é a "grande mãe", "protetora", "exigente", que "cobra resultados". É "batalhadora", "guerreira", como afirmam associados do CEA. A líder do CEA desempenha sua função com autonomia plena, muitas vezes atropelando os interesses do grupo, não ouvindo seus apelos escondidos no silêncio das reuniões. Ela constrói-se como liderança cotidianamente, observando e escutando atentamente como falam líderes de outros campos sociais, seus interlocutores, o que fazem, como agem, como negociam. Contraditoriamente, na relação com os associados parece predominar a não escuta do silêncio do outro. A ansiedade de persuadir seu interlocutor, no entanto, faz seu discurso ser caótico muitas vezes, como foi para a pesquisa, mas nem por isso menos interessante e rico de experiências. Perspicaz, intuitivamente ou não ela ludibria o interlocutor muitas vezes. Inclusive quando se coloca como portadora de uma tríplice exclusão: mulher, negra e pobre, que surge para cobrar uma "culpa social" incorporando o discurso ambientalista tão em voga nos diferentes campos sociais. Especialmente no campo midiático, sempre a procura de renovar seus discursos com novas fontes, que são melhores quando já incorporaram as lógicas do campo jornalístico. Como a líder do CEA é perspicaz, ela já incorporou estas lógicas, como pudemos observar a campo. Ela mistura matrizes subjetivas e socioeconômicas quando coloca o discurso da exclusão na sua pele de "gente que faz". Assim ela se legitima, na "soma de carências" que representa para uma sociedade ainda carente de outras "gente que faz". Ela "sabe ler a sua imagem", e se aproveita desta percepção para construir-se para o outro nas interações midiáticas, assim como nas interações comunicacionais externas e internas.

Em relação à legitimação do líder no grupo onde atua, para Weber (Apud Ricoeur, 1986), logo que surge uma diferenciação entre o corpo governante e o resto do grupo, o corpo governante tem, simultaneamente, o poder de chefia e o poder de fazer cumprir a ordem por meio da força. Nenhum sistema de chefia, no entanto, governa apenas pela força, pelo domínio, mas pede o consentimento e cooperação dos governados. O chefe quer que seu poder, que sua autoridade, seja legitimada pelo consentimento e cooperação do grupo. O papel da ideologia (esta entendida como o sistema cultural construído dentro do grupo) é legitimar a autoridade. Ou seja, o sistema cultural do grupo serve como código de interpretação que assegura a integração, e assim, a autoridade no grupo em questão. Desta forma, a pretensão de autoridade do líder

entra em tensão, em negociação (que corresponde ao nível de comunicação) com a legitimação da autoridade por parte do grupo. Sendo que a pretensão de autoridade tende a ser maior que a legitimação autorizada pelo grupo. O poder do líder se fundamenta na crença do grupo no poder do líder.

Como podemos observar no discurso da líder do Centro de Educação Ambiental Vila Pinto esta crença no próprio poder é sustentada a partir da experiência de vida, na aura que constrói sobre si com a ajuda das "coordenadoras" de setores, geralmente integrante de sua família. A líder constrói para si uma aura de chefe matriarcal (onde encarna a matriz subjetiva construída na relação familiar que teve com a avó), que socializa. Mas socializa mais o trabalho que os frutos. Porque criou hierarquias de poder e de ganhos dentro do CEA, a exemplo de qualquer empresa inserida no sistema capitalista tradicional. A contradição está em contrapor-se discursivamente a esta lógica e fazer uso dela na práxis. Ou seja, observa-se uma contradição entre discurso ideológico e ação ideológica. Ação e discurso não estão integrados, o que diminui a força ideológica da líder, desconstruída dentro do grupo por aqueles que percebem esta contradição. Mas mesmo aqueles que percebem as contradições, mantêm-se no grupo, subjugados pela necessidade primária de subsistência e de sociabilidades, mais do que pela ideologia do projeto. Institucionalmente o CEA constitui-se com muito mais intensidade um projeto pessoal da líder que se socializou, do que um projeto social, surgido a partir de um grupo que se organiza, participa com viva voz da gestão e dos rumos da ONG. Desde o início é ela e não um grupo de mulheres que organiza e impõe as principais matrizes ideológicas do CEA, após receber a primeira formação como Promotora Legal Popular.

A presidente do CEA pede sempre mais crença, fé na missão para a qual se diz predestinada, e recebe o aval silencioso do grupo que ainda não acendeu para a condição de sujeito. A rotatividade de associados, que pode ser considerada grande, não facilita a participação ativa dos associados. Mas mesmo entre aqueles que estão há mais de três anos no CEA não se percebe que tenham criado uma relação transparente. O pedido de sempre mais crença no projeto e na liderança expande a mais valia, o capital simbólico da líder, o seu poder. Trata-se de um "contrato social" entre a líder e o grupo, que se explicita nas suas gramáticas discursivas.

No entanto, estar inserido no CEA, mesmo quando o interesse maior é um posto de trabalho que resulte em algum ganho salarial para a sobrevivência familiar, é uma forma de resistir ao processo de individualização e atomização a partir da criação de vínculos sociais comunitários. O CEA enquanto um sujeito coletivo constitui-se um locus para construção das identidades pessoais das suas separadoras, do "caqueiro", das coordenadoras, da sua presidente e dos outros envolvidos no projeto, inclusive pessoas da comunidade da Vila Pinto que reconhecem ali um espaço que oferta alternativas de inclusão social, seja pela existência do Telecentro, do Ouviravida ou apenas como um lugar de oferta de trabalho que possibilita alguma renda. É no contexto do CEA que se manifestam interesses comuns, solidariedades e a vida é de algum modo compartilhada - com conflitos e disputas, como é próprio de um ambiente que se faz familiar. Constituindo-se como uma alternativa de construção de novos significados para a sociedade contemporânea, o CEA dá lugar ao que Castells denomina "fluxos reversos de informação". No entanto, este fazer ainda não é coletivo, mas bastante centralizado entre aqueles que desempenham maior liderança.

As análises apontam para uma carência de estímulo aos processos comunicacionais internos, liderança centralizada e falta de equanimidade entre os associados, o que pode estar interferindo no papel da organização social enquanto parte do campo dos movimento social que, entendemos, deva ter entre seus objetivos a transformação social em todos os níveis: interno e externo. Conforme Castells (Castells, 2001, p. 85), *"a construção da autonomia tem que se fundamentar nos fluxos reversos de informação"*. Neste sentido, consideramos que estes fluxos reversos de informação não devem se dar apenas de dentro para fora (como ocorre com maior intensidade no CEA) mas, e principalmente, de dentro para dentro a partir de metodologias que inspirem dinâmicas de comunicação interna, estimulando a autonomia para uma efetiva transformação sociocultural.

A política da vida está em construção no CEA, com os associados desenvolvendo auto-confiança, auto-estima, refletindo sobre suas escolhas, buscando o respeito pelos seus direitos, escolhendo novos rumos para suas vidas. Mesmo quando encontramos silêncio e medo, estes não negam o exercício político pessoal que se realiza nas relações internas, nas conversas, nas amizades e solidariedades que se constroem com o outro, quando se criam redes internas e um novo jeito de ser e fazer. No entanto, se como Giddens afirma (Giddens, 2002, p. 95), o objetivo das políticas emancipatórias *"é libertar os grupos não privilegiados da sua condição negativa ou eliminar diferenças relativas aos grupos na sociedade"*, via disseminação de valores como justiça, igualdade e participação, os discursos dos informantes mostram que internamente o CEA produz uma ação emancipatória limitada. Os processos emancipatórios internos no CEA ainda parecem engatinhar.

Há poucas pessoas dentro do CEA que estejam exercitando as características de liderança como a presidente, e este seria o maior legado que a líder poderia deixar para o CEA. A maioria dos associados do CEA não saíram totalmente da condição de indivíduos – definido pelas expectativas dos outros, controlado por regras institucionais, submetido aos papéis sociais que lhe outorgaram – para assumirem-se sujeitos sociais. Estão em transição para este novo papel: ser sujeito social, o que requer a renúncia às tutelas de toda ordem, assumindo-se responsável pelo coletivo, construtor e produtor da sua experiência social, recusando as formas de controle de toda ordem, assumindo voz ativa. O sujeito luta contra os papéis que lhe são impostos para ser ele sujeito da sua história, como afirma Touraine (Touraine, 1996).

Não há dúvida, no entanto que o CEA participa do cenário marcado pelo que Touraine denominou a *"subjetivação dos movimentos sociais"*, já que mobiliza princípios e sentimentos que associam a defesa da identidade e da dignidade de uma população pobre, contra políticas globais excludentes colocadas a pleno vapor pelos grupos de campos sociais que defendem e perpetuam o modelo de desenvolvimento insustentável neoliberal. Neste sentido o CEA tem sua parcela no processo de subjetivação dos movimentos sociais, característica que marca e identifica outro viés da sociedade contemporânea, que denominamos como uma macromatriz cultural.

As matrizes culturais movimentadas pela ação social do CEA constituem marcas ideológicas presentes na mensagem que o CEA oferta para a sociedade. Neste sentido, a ação cultural e social do CEA é de natureza comunicacional, como aborda Melucci. Interna e externamente, os associados do CEA lutam continuamente pela possibilidade de dar sentido ao seu agir, à realidade social, construindo sentidos sobre a sua

experiência de vida. Este processo de semiose social faz interagir experiências subjetivas e sociais, construindo simultaneamente e de forma interdependente identidades pessoais e coletivas.

Internamente, os conflitos são detonados pelas desigualdades de remuneração, que acompanham lógica capitalista neoliberal de que algumas funções tem maior valia que outras. Ou seja, há uma luta por recursos, e aqui são recursos de ordem econômica, mas que tem definida sua distribuição pela ordem simbólica. O recurso da informação é pouco utilizado pelos associados quando têm medo de falar, ou não tomam a iniciativa de fiscalizar os movimentos feitos pela coordenação geral do CEA. Os associados acabam, desta forma, marginalizando-se a si mesmos quando não assumem a autonomia que é de seu direito, mas também é de seu dever. Autonomia não é outorgada. Apenas quando assumirem a condição de sujeito romperão com os limites que se colocam para a democracia interna da organização. Cabe aos associados criarem táticas e estratégias para assumirem sua capacidade de serem, internamente, o que Melucci denomina "*terminais efetivos das redes informacionais*", produtores de informação, saindo da condição de meros receptores. Conforme Melucci afirma, possuir e controlar a informação é essencial para controlar os códigos que organizam o sentido da realidade social. A democracia interna no uso dos recursos informativos é tão fundamental quanto o uso de recursos informativos externos. O uso dos recursos informativos trabalha na construção das identidades pessoais dos sujeitos de uma organização social e das identidades coletivas do movimento social. É por processos de interação comunicacionais, na construção de sociabilidades e no exercício de falar e agir que construímos e reconstruímos continuamente nossa identidade.

Referências

CASTELLS, M. 2001. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

ESTEVES, J. P. 1998. *A ética da comunicação e os media modernos: legitimidade e poder nas sociedades complexas*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

GIDDENS, A. 2002. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro, Zahar.

_____. 1991. *As consequências da modernidade*. São Paulo, Unesp.

MARTÍN-BARBERO, J. 1997. *De los medios a las mediaciones*. Rio de Janeiro, UFRJ.

MELUCCI, A. 2001. *A invenção do presente*. Petrópolis, Vozes.

_____. 1996. *Sociedade complexa: identidade e ação coletiva*. *Revista Movimentos Sociais na Contemporaneidade, do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Movimentos Sociais*. São Paulo, Entrevista de 1996.

RICOEUR, P. 1986. *Ideologia e Utopia*. São Paulo, Editora 34.

SCHERER-WARREN, I. *Redes e sociedade civil global*. Artigo escrito no NPMS/UFSC. Mimeo.

TOURAINÉ, A. 1992. *Crítica da modernidade*. Lisboa, Piaget.

_____. 1996. *O retorno do actor: ensaios sobre sociologia*. Lisboa, Piaget.

VERÓN, E. 1996. *La semiosis social: fragmentos de una teoría de la discursividad*. Barcelona, Gedisa.